JOSTEIN GAARDER

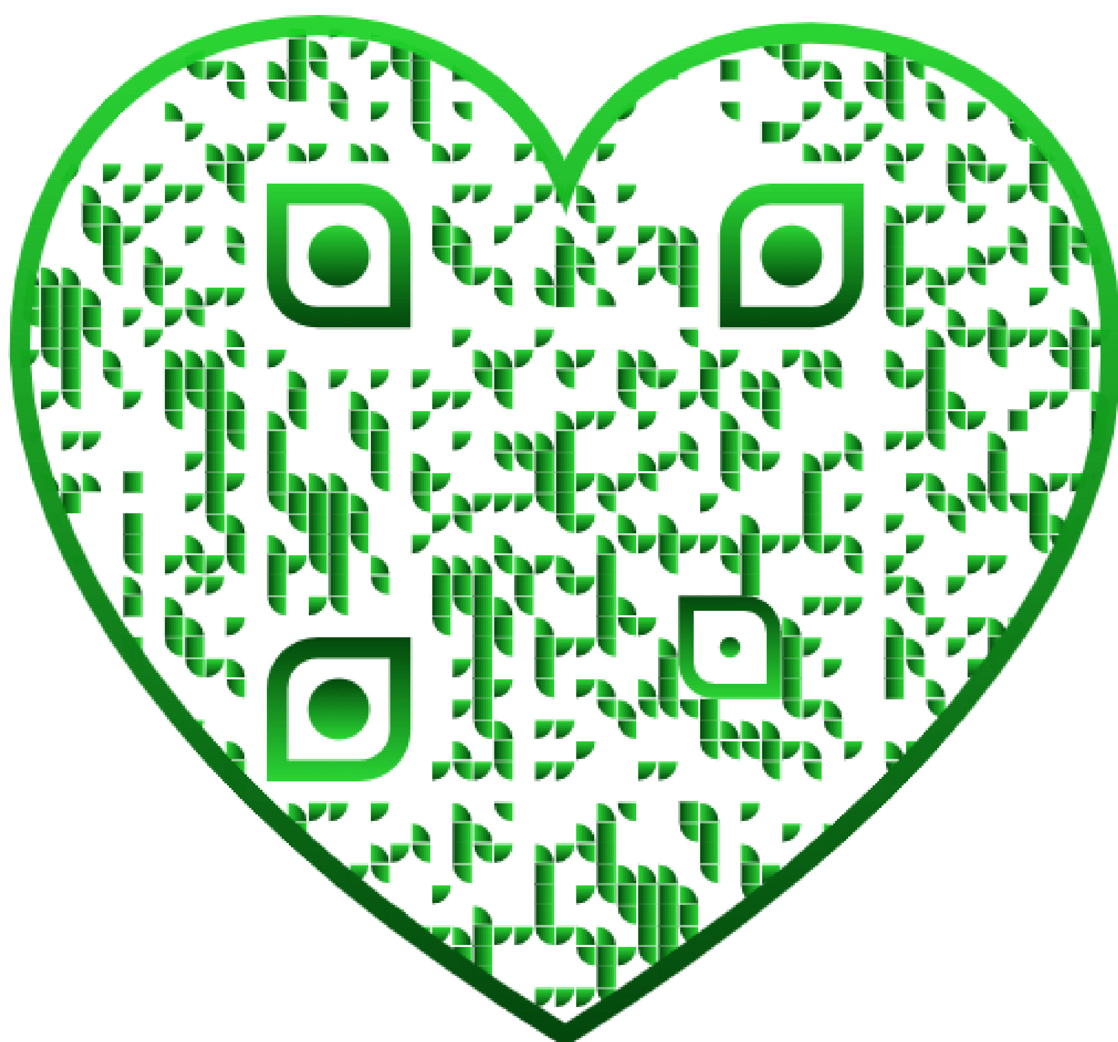
O mundo de Sofia

Romance da história da filosofia

Tradução do norueguês
Leonardo Pinto Silva

4ª reimpressão

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras



Copyright © 1991 by Jostein Gaarder
e H. Aschehoug & Co. (W. Nygaard), Oslo

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro de NORLA.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Sofies Werden

Capa
Sabine Dowek

Revisão técnica
Maíra de Cinque Pereira da Costa

Preparação
Márcia Copola

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaarder, Jostein
O mundo de Sofia : romance da história da filosofia / Jostein Gaarder ; tradução do norueguês Leonardo Pinto Silva. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Sofies Werden.
ISBN 978-85-359-2189-2

1. Filosofia – História – Ficção 2. Romance norueguês I. Título.

12-11893 CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura norueguesa 839.823

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

13 O Jardim do Éden
... no fim das contas, algo teria que ter surgido a partir do nada...

22 A cartola
... a única coisa de que necessitamos para ser filósofos é a capacidade de nos admirarmos com as coisas...

34 Os mitos
... um instável embate de forças entre o bem e o mal...

41 Os filósofos da natureza
... nada pode surgir do nada...

55 Demócrito
... o brinquedo mais genial do mundo...

61 O destino
... os "adivinhos" tentam prever algo que na verdade é imprevisível...

71 Sócrates
... mais sábio é aquele que sabe que não sabe...

87 Atenas
... das ruínas erguiam-se várias construções imponentes...

94 Platão
... um anseio de regressar à verdadeira morada da alma...

110 O Chalé do Major
... a garota no espelho piscou os dois olhos...

120 Aristóteles
... um homem organizado e metódico, que queria classificar os conceitos humanos...

138 O helenismo
... uma centelha do fogo...

157 Os cartões-postais
... estou me impondo uma forte censura...

166 Dois perímetros culturais
... só assim você evitará ficar flutuando no vácuo...

182 A Idade Média
... percorrer só um trecho do caminho não é o mesmo que seguir na direção errada...

206 A Renascença
... ó criatura divina vestida em trajes humanos...

236 O Barroco
... da mesma matéria de que são feitos os sonhos...

253 Descartes
... ele queria remover o entulho antes de construir sua casa nova...

267 Espinosa
... Deus não é um titereiro...

277 Locke
... tão limpa e vazia quanto uma lousa antes de o professor entrar na classe...

288 Hume
... atira-o então às chamas...

304 Berkeley
... como um planeta ao redor de um sol flamejante...

310 Bjerkely
... um antigo espelho mágico que sua bisavó comprara de uma cigana...

328 O Iluminismo
... de como fabricar agulhas ao modo de fundir canhões...

348 Kant
... o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim...

370 O Romantismo
... o caminho permeado de mistérios conduz ao nosso interior...

389 Hegel
... o que é mais sensato prevalecerá...

402 Kierkegaard
... a Europa caminha para a bancarrota...

416 Marx
... um espectro ronda a Europa...

435 Darwin
... um barco que navega pela vida com um carregamento de genes...

461 Freud
... o desejo mesquinho e egoísta oculto dentro dela...

480 Nosso próprio tempo
... o homem está condenado a ser livre...

505 A festa no jardim
... um corvo branco...

520 Contraponto
... duas ou mais melodias ressoando ao mesmo tempo...

541 A grande explosão
... nós também somos poeira estelar...

553 Índice remissivo

O Jardim do Éden

... no fim das contas, algo teria que ter surgido a partir do nada...

Sofia Amundsen voltava da escola para casa. O primeiro trecho do caminho ela fez com Jorunn. Elas conversavam sobre robôs. Jorunn dizia que o cérebro humano era como um computador sofisticado. Sofia não sabia ao certo se concordava. Um homem não deveria ser mais que uma máquina?

Cada uma tomou seu próprio rumo ao passarem pelo supermercado. Sofia morava no final de uma vila e tinha que andar quase o dobro que Jorunn para chegar em casa. Era como se fosse o fim do mundo, porque atrás do seu jardim não havia nenhuma outra casa, só o começo da floresta.

Ela dobrou a rua Kløver,* que no fim fazia uma curva fechada apelidada de Curva do Capitão. Somente aos sábados e domingos era comum ver gente por lá.

Era um dia do início de maio. Em alguns dos jardins os lírios-amarelos já floresciam sob as árvores de frutas. As bétulas haviam ganhado uma camada esverdeada de folhas.

Não era curioso como tudo começava a despertar e crescer naquela época do ano? Como era possível que quilos e quilos de uma

* No original, Kløverveien, "rua dos Trevos". Todas as notas que aparecem no livro são do tradutor.

camada verde pudessem brotar de uma terra erma assim que o clima ficava mais quente e os últimos traços de neve desapareciam?

Sofia espiou a caixa de correio ao abrir o portão do seu jardim. Em geral havia um monte de folhetos publicitários, além de envelopes grandes destinados à sua mãe. Ela costumava deixar uma pilha deles na mesa da cozinha antes de subir para o quarto e começar a fazer a lição de casa.

Para seu pai chegavam apenas algumas correspondências do banco de vez em quando, mas, também, ele não era um pai qualquer. O pai de Sofia era capitão de um enorme petroleiro e ficava afastado a maior parte do ano. Quando estava em casa, algumas semanas alternadas, calçava pantufas e se dedicava a alegrar a vida de Sofia e da mãe dela. Mas, quando partia para alto-mar, sua ausência era muito sentida.

Hoje havia apenas uma cartinha na caixa de correio — e era destinada a Sofia.

"Sofia Amundsen", estava escrito no pequeno envelope. "Rua Kløver, 3." Era tudo, não havia remetente. Nem mesmo selo.

Assim que fechou o portão atrás de si, ela abriu o envelope. A única coisa que encontrou foi uma pequena folha, não maior que o envelope que a continha. Na folha estava escrito *Quem é você?*

Nada além disso. A mensagem não tinha saudação nem assinatura, somente aquelas três palavras escritas à mão seguidas de um grande ponto de interrogação.

Ela tornou a olhar o envelope. Sim — a carta era mesmo para ela. Mas quem a havia colocado na caixa de correio?

Sofia apressou o passo, entrou na casa pintada de vermelho e trancou a porta. Como de costume, Sherekan, o gato, disparou do meio dos arbustos, pulou os degraus da entrada e conseguiu se enfiar pela porta antes que ela se fechasse.

— Rom, rom, rom! — ronronou ele.

Quando a mãe de Sofia se irritava por algum motivo, chamava o lugar onde viviam de *menagerie*, uma espécie de minizoológico particular. Muito apropriado. Sofia era muito feliz com a sua coleção de animais. Primeiro ela ganhou um aquário de peixinhos

ornamentais: Gulltop, Rødhette e Svartepetter. Depois vieram os periquitos Smitt e Smule, a tartaruga Govinda e por fim Sherekan, um gato malhado. Ela ganhara todos aqueles bichos como uma espécie de compensação pelo fato de a mãe sempre chegar tarde do trabalho e o pai ficar viajando tanto pelo mundo.

Sofia se livrou da mochila e encheu uma tigela com ração para Sherekan. Em seguida, sentou-se num banquinho da cozinha segurando a misteriosa carta.

Quem é você?

Óbvio que ela sabia. Ela era Sofia Amundsen, claro, mas quem era essa pessoa? Isso ela não havia descoberto direito ainda.

E se por acaso ela tivesse outro nome? Anne Knutsen, por exemplo. Ela seria *outra* pessoa então?

De repente ela lembrou que o pai primeiro quis que ela se chamasse Synnøve. Sofia tentou se imaginar cumprimentando outras pessoas, estendendo a mão e se apresentando como Synnøve Amundsen, mas não, não combinava. Seria sempre outra garota, completamente diferente, se apresentando.

Então ela se levantou do banquinho e foi até o banheiro, levando na mão a carta misteriosa. Deteve-se diante do espelho e se olhou fixamente nos olhos.

— Eu sou Sofia Amundsen — disse.

A garota no espelho não esboçou a menor reação. Não importava o que Sofia fizesse, ela fazia exatamente o mesmo. Sofia fez um movimento rápido, mas a outra garota era tão rápida quanto ela.

— Quem é você? — perguntou Sofia.

Não obteve resposta, mas num breve instante se pegou em dúvida sobre quem teria feito a pergunta, se ela ou seu reflexo.

Então encostou o dedo indicador no espelho e disse:

— Você sou eu.

Como continuava sem resposta, inverteu a frase e disse:

— Eu sou você.

Sofia Amundsen nunca estava totalmente satisfeita com a sua aparência. Diziam com frequência que tinha lindos olhos amendoados, mas ela estava certa de que isso era porque tinha o nariz muito pequeno ou a boca demasiado grande. Além disso, as orelhas eram muito próximas dos olhos. E o pior de tudo eram

os cabelos lisos demais: impossível arrumá-los. O pai costumava acariciá-los e a chamava de “garota de cabelos de linho”, como na melodia de Claude Debussy. Ele só dizia isso porque não estava condenado a ter por toda a vida cabelos pretos bem lisos. Nos cabelos de Sofia não adiantava passar spray nem gel.

Às vezes ela achava sua aparência tão estranha que julgava ter nascido deformada. A mãe mencionava que tivera um parto difícil. Mas era o parto que determinava a aparência de uma pessoa?

Não era estranho que Sofia não soubesse quem realmente era? Não era também esquisito o fato de ela não conseguir determinar sua própria aparência? Isso lhe havia sido imposto, sem escolha. Talvez ela pudesse escolher seus amigos, mas não seu próprio ser. Ela nem mesmo escolhera ter nascido humana.

O que é um homem?

Sofia ergueu os olhos e viu novamente a garota no espelho.

— Acho que vou subir para fazer a lição de ciências — disse ela, como que para se desculpar por deixá-la ali. E no instante seguinte já estava no corredor.

“Não, acho que vou dar uma volta no jardim”, pensou.

— Rom, rom, rom!

Sofia afastou o gato para fora e fechou a porta atrás de si.

Foi quando, parada na entrada de casa com a misteriosa carta na mão, teve uma sensação estranha. Era como se ela fosse uma boneca que de repente, por meio de um passe de mágica, despertasse para a vida.

Não era estranho passar a fazer parte do mundo agora, como personagem de uma aventura tão maravilhosa?

Sherekan saltitou pelo caminho e se enfiou entre uns densos arbustos de groselheiras. Um gato muito vivo aquele, com uma energia vibrante que fluía dos bigodes brancos até a ponta da cauda, passando pelo corpo esguio. Ele também estava ali no jardim, mas não tinha nenhuma consciência disso, diferentemente de Sofia.

Depois de pensar que estava ali, também ocorreu a Sofia que um dia ela não estaria mais.

“Eu estou no mundo agora”, pensou. “Mas um dia terei partido.”

Existiria vida após a morte? O gato também não tinha a menor ideia de como responder a essa pergunta.

Não fazia muito tempo que a avó paterna de Sofia morrera. Durante seis meses, quase diariamente ela se pegava sentindo saudade da avó. Não era injusto que a vida terminasse assim?

Parada na trilha de pedriscos em meio ao jardim, ela se pôs a pensar, desconfiada. Tentou se concentrar no fato de existir agora, esquecendo que um dia deixaria de estar ali. Mas isso era de todo impossível. Assim que pensava na sua existência, automaticamente imaginava que sua vida teria um fim. Ao mesmo tempo, lhe ocorria o contrário: primeiro ela teve uma forte sensação de que um dia deixaria de existir, e logo percebeu quão infinitamente maravilhosa é a vida. Eram duas faces da mesma moeda, uma moeda que ela não parava de virar. Quanto maior e mais brilhante era um lado, maior e mais brilhante também era o outro. Vida e morte eram os dois lados da mesma coisa.

“Não é possível imaginar que existimos sem imaginar que um dia vamos morrer”, pensou ela. “Da mesma forma, é impossível imaginar que morreremos sem ao mesmo tempo pensar no quão fantástica e única é a vida.”

Sofia lembrou que a avó dissera algo parecido quando soube que estava doente. “Agora, sim, compreendo como a vida é rica”, ela disse.

Não era triste que as pessoas tivessem primeiro que ficar doentes para depois perceber como a vida é bela? Ou então que tivessem que encontrar uma carta misteriosa na caixa de correio?

Talvez ela devesse ir até lá de novo conferir se não havia outras cartas. Sofia correu até a caixa de correio e levantou a tampa verde. Ela tremeu da cabeça aos pés ao ver outro envelope, idêntico ao anterior. Será que verificara direito que a caixa estava vazia quando retirou o primeiro envelope?

Nesse envelope também estava escrito o seu nome. Ela o rasgou e tirou dali um bilhete branco igualzinho ao primeiro.

De onde vem o mundo?, perguntava o bilhete.

“Não faço a menor ideia”, pensou Sofia. “Ninguém faz, não

é?" E ainda assim Sofia achou que a pergunta era importante. Pela primeira vez ela achou que não era possível estar neste mundo sem se *perguntar* de onde ele vinha.

As cartas misteriosas a deixaram de um jeito que ela resolveu ir para o seu esconderijo, um lugar supersecreto para onde ia quando estava bem brava, cansada ou feliz. Hoje estava apenas confusa.

A casa vermelha ficava no meio de um grande jardim. Havia canteiros de flores, arbustos de bagas, diferentes árvores frutíferas, um vasto gramado com um balanço, e um pequeno gazebo que seu avô construíra para sua avó depois de ela perder um bebê de apenas algumas semanas de vida. A pobre criança se chamava Marie. Numa lápide estava escrito "Pequena Marie, que veio até nós, deixou sua lembrança e logo partiu".

Num canto do jardim, atrás dos arbustos de framboesas, havia uma folhagem densa, onde não cresciam frutos nem flores. Na verdade, era uma velha sebe que demarcava a fronteira do jardim com a floresta, mas, como ninguém se preocupara em podá-la nos últimos vinte anos, ela crescera e se transformara num matagal indevassável. A avó de Sofia costumava dizer que a sebe tornava mais difícil a vida das raposas, que durante a guerra costumavam caçar as galinhas que ficavam rondando livremente pelo jardim.

Para os demais, a velha sebe era tão inútil quanto o viveiro de coelhos que havia na frente do jardim, porém não para Sofia. Mas era apenas porque ninguém conhecia o segredo que ela guardava.

Sofia já nem tinha na memória o dia em que descobrira uma passagem estreita no meio da sebe. Ela se arrastava por entre galhos e folhas e ia dar numa clareira entre os arbustos. Era como uma pequena cabana. E ela podia ter certeza de que ninguém a encontraria ali.

Levando na mão os dois envelopes, Sofia correu pelo jardim, se pôs de quatro e se esgueirou pelo vão na sebe. Era uma clareira tão grande que ela quase podia ficar em pé ali dentro, mas ela preferiu sentar sobre as raízes bem grossas no chão. Dali podia

observar o que se passava lá fora através de frestas entre as folhas e galhos. Embora nenhuma dessas frestas fosse maior que uma moeda de cinco coroas, Sofia tinha uma visão perfeita de todo o jardim. Quando era pequena, ela gostava de ficar lá observando o movimento do pai e da mãe à sua procura entre as árvores.

Sofia sempre achou que o jardim era um mundo inteiro para ela. Toda vez que ouvia falar do Jardim do Éden mencionado no mito da criação, ela se lembrava de estar sentada no seu esconderijo observando seu próprio paraíso.

De onde vem o mundo?

Como ela poderia saber? Sofia tinha ciência de que a Terra era apenas um pequeno planeta no universo. Mas de onde vinha o próprio universo?

Podia-se, é claro, pensar que o universo era algo que sempre existira, portanto não seria necessário achar uma resposta para aquela questão. Mas esse *algo* poderia ter sempre existido? Dentro dela crescia uma rejeição a essa ideia. Pois o universo tinha, de algum modo, que ter surgido a partir de alguma coisa.

Mas, se o universo subitamente tivesse surgido a partir de outra coisa, essa outra coisa também teria que ter surgido de mais outra coisa. Sofia sentia que estava apenas roçando um problema maior. No fim das contas, algo teria que ter surgido a partir do nada. Mas isso fazia sentido? Não seria também impossível imaginar que o universo sempre existira?

Na escola ensinavam que Deus havia criado o mundo, e agora Sofia procurava acalmar sua mente achando que aquela era a melhor explicação para o problema. Mas logo ela retomou o pensamento. Podia muito bem lidar com a ideia de que Deus havia criado o universo, mas e quanto ao próprio Deus? Ele havia criado a Si mesmo, do nada? De novo, algo dentro dela rejeitava aquilo. Apesar de Deus conseguir criar um homem atrás de outro, Ele jamais conseguiria criar a Si mesmo *antes* de ter se tornado "um ser" capaz de criar outro. Logo, só restava uma possibilidade: Deus sempre existiu. Mas essa possibilidade ela já afastara. Tudo que existia tinha que ter tido um começo.

— Droga!

Ela abriu os dois envelopes novamente.

Quem é você?

De onde vem o mundo?

Que perguntas mais espinhosas! E quem enviara aquelas cartas? Isso era quase tão misterioso quanto elas próprias.

Quem teria arrancado Sofia do seu cotidiano e a teria posto diante dos grandes enigmas do universo?

Pela terceira vez ela foi até a caixa de correio.

Agora, sim, o carteiro tinha trazido a correspondência diária. Sofia apanhou uma pilha gorda de anúncios, jornais e duas cartas para a mãe. Havia também um cartão-postal — e nele a foto de uma praia com uma larga faixa de areia. Ela olhou o verso, que trazia um selo da Noruega e o carimbo "Batalhão da ONU". Seria do seu pai? Mas ele não estaria do outro lado do planeta? Além disso, aquela não era a caligrafia dele.

Sofia sentiu o coração bater mais rápido ao ler a quem o cartão se destinava. "Hilde Møller Knag, a/c Sofia Amundsen. Rua Kløver, 3..." O resto do endereço estava correto. No cartão estava escrito:

Querida Hilde,

Meus parabéns pelos seus quinze anos. Como você sabe, quero lhe dar um presente que a ajude a crescer como pessoa. Desculpe-me por enviar o cartão por intermédio de Sofia. Foi mais fácil assim.

Beijos,

Papai.

Sofia correu de volta para casa e entrou na cozinha. Ela sentia uma tempestade se formando dentro dela.

Quem era aquela tal de Hilde que completaria os mesmos quinze anos com apenas um mês de diferença do seu próprio aniversário?

Sofia imediatamente pegou a lista telefônica. Havia muitos sobrenomes Møller, alguns Knag também. Mas ninguém naquele catálogo volumoso se chamava Møller Knag.

Ela tornou a examinar o misterioso cartão. Sim, sem dúvida — era autêntico, tinha tanto selo quanto carimbo.

Por que um pai enviaria um cartão de aniversário para o endereço de Sofia quando estava mais que evidente que era destinado a outro lugar? Que pai trataria de fazer com que sua própria filha recebesse um cartão destinado a outra pessoa? O que ele queria dizer com "mais fácil assim"? E, principalmente, como ela conseguiria encontrar a tal de Hilde?

E assim Sofia ganhou mais um problema para remoer. Ela tentou novamente organizar seus pensamentos.

Em poucas horas de uma única tarde ela foi confrontada com três enigmas. O primeiro: quem deixou os dois envelopes na caixa postal. O segundo eram as perguntas difíceis que aquelas cartas traziam. E o terceiro enigma era a identidade de Hilde Møller Knag, e por que o cartão destinado a uma desconhecida foi endereçado primeiro a Sofia.

Ela estava certa de que os três enigmas estavam relacionados de alguma forma, porque até aquele dia levara uma vida absolutamente normal.